

Os Parques Infantis de Mario de Andrade

Profa. Dra. Arantes, Ana Cristina
UNIFEO/ FMU - Laureate
anacris.arantes@ig.com.br

Resumo

Palavras chave: Parque Infantil, história social, infância, Mário de Andrade

Os Parques Infantis de Mario de Andrade pretende mostrar o cenário físico, cultural e social da cidade de São Paulo entre 1930 – 1940 e a realização desta inovadora instituição de atendimento à infância e a juventude das classes operárias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, histórica com revisão de literatura em Língua Portuguesa. Dentre muitos serviços à população, Mário de Andrade, Secretário da Cultura do Município de São Paulo, e escritor de *Pauliceia Desvairada*, idealizou e implementou os Parques Infantis para crianças e jovens paulistanos. Os Parques Infantis educavam seus frequentadores de forma plena; os serviços ali prestados incluindo - o médico odontológicos - representavam mais que um atendimento aos abandonados a própria sorte. A elaboração de jornal, atividades de leitura, as cívicas, motoras e lúdicas eram e supervisionadas especialistas. Dos Parques Infantis idealizados ficou memórias esparsas, alguns registros iconográficos e uma única (hoje) escola que pude conhecer.

O cenário da época de Vargas a Dutra e, novamente Vargas

O cenário mundial evidenciava um tempo de incertezas e de apreensão; conflitos nacionais e o clima de guerra internacional (e seus flagelos), de certa forma, nos atingiram. “O cenário político brasileiro a partir dos anos 1930/1940 passou por significativas mudanças. Foi um período de incertezas e instabilidade na política, influenciando a população brasileira e trazendo consigo fortes transformações de cunho social e cultural” (Ribeiro, Alves, 2012:1).

De acordo com as autoras citadas os últimos anos de República Velha podem ser entendidos como um tempo de crise concretizado pelas mudanças significativas nas relações sociais pelo crescimento urbano, e a aparição dos movimentos culturais (tornados públicos na Semana de 22) que, fomentando o

sentimento nacionalista, rejeitavam o estrangeirismo até então muito presente na sociedade. A nova maneira de governar (Estado Novo); a criação de uma nova política trouxe, em seu bojo, fortes mudanças em muitos segmentos inclusive no cenário cultural em que as produções artísticas sofreram intervenção do Estado. Estas intervenções foram *concretamente* exibidas por meio da criação ou recriação de emblemas e de símbolos nacionais, pela realização de cerimônias cívicas, demonstrações gímnicas desportivas de modo a criar no imaginário coletivo a ideia de identidade nacional; orgulho e ufanismo em ser brasileiro. Nos fundamentos do Estado Novo de Getúlio Vargas, a educação formal, sistemática e organizada era o melhor lugar para a efetivação da visão que se desejava implantar e os desfiles da Semana da Pátria auxiliados pela mídia, assumiam estratégia ideal para se exibir o que se pretendia alcançar:

“a mídia exibia com louvor os estudantes em desfiles, buscando sempre ressaltar a questão pátria. As datas comemorativas foram inseridas no calendário escolar, bem como o ensino da História pátria, que tinham o intuito de propagar os acontecimentos vigentes na época, assim como promover a formação cívica dessas crianças, fazendo com que a escola se transformasse em modelo de conduta, amor e sacrifício patriótico” (Vaz, 2006:40, In Ribeiro Alves, 2012).

No mandato de Dutra - sucessor de Vargas - os desfiles ou paradas escolares deixaram ser organizados pelo governo; a censura já não exercia um papel repressor das ideias; muitos opositores de Vargas passaram a se valer das reuniões cívicas para manifestar seu desagravo. Ainda que as festas cívicas guardassem o objetivo inicial, os anseios por mudanças também se mostraram presentes.

Apesar do retorno de Vargas em 1951 ter gerado nova tentativa de se retomar ao passado, o ideal de civismo e de nacionalidade encontrou um ambiente pouco animador no que tange ao processo de escolarização, ou seja, pouco se investiu na educação do povo. Segundo Maria Malta Campos em seu artigo “Educação infantil reescrevendo a educação: propostas para um Brasil melhor”, afirma que: “nos países que levam a educação a sério a educação das crianças

pequenas, nos anos anteriores ao ingresso na escola primária”. (hoje Ensino Fundamental – LDB. no. 9394/96 - grifo meu), “também é considerada um assunto que deve ser levado a sério”. (p. 01).

A importância dada à educação e a melhoria das condições da população não ocorreu na cidade de São Paulo. Os inúmeros fatores dentre os quais as mudanças sociais decorrentes dos processos de migração e imigração ocorridos em nosso país, sobretudo, na região sudeste trouxeram novos e outros costumes, acomodações e “des-acomodações” de toda sorte. (Arantes, 2006). O processo crescente de industrialização alterou as condições de vida especialmente em São Paulo. A ocupação dos espaços inclusive de jovens e crianças sem atendimento nem ocupação. (Santos, 2007).

“O projeto brasileiro de modernização conviveu com situações de extremo atraso cultural e tecnológico e se implantou a partir do sul do país. São Paulo foi (e é) sem dúvida, a encarnação desse projeto, onde a transformação da cidade e das relações entre seus habitantes se deu de forma mais acelerada” (Silva et. al. 1989:72).

Isso parece ser explicado nas palavras Dráuzio Varella quando escreve que:

“A paisagem humana do bairro” (Brás – grifo meu) “era dominada pelos italianos, mais numerosos e barulhentos do que os portugueses e espanhóis da vizinhança. Gente simples, oriunda de pequenos povoados, devastados pela guerra, uma mistura de calabreses, napolitanos, sicilianos, vênets e milaneses. Falavam dialetos incompreensíveis uns para os outros” (Varella, 2000:25).

São Paulo; Departamento Municipal de Cultura e Mário de Andrade

Os anos compreendidos entre 1930–1940 foram um período propício à realização de muitos serviços à comunidade em que Mário de Andrade, Secretário do Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo (1935-1938) no governo de Fábio Prado, apoiou, deu continuidade ou idealizou. Mário e sua equipe implementou serviços muito interessantes para a

cidade de São Paulo. O grande intelectual paulista dedicou-se à resolução dos problemas ligados às demandas sociais e culturais; preocupou-se com o desprezo à cultura especialmente o descuido com a educação da população. Embora achasse inadmissível divisão entre elite e povo quanto ao acesso cultural, preferiu atuar sem condenar. Para ele a elevação cultural era necessária, portanto, os mais simples como os operários deveriam ter a oportunidade de se apropriar do legado cultural brasileiro.

“Em face da massiva imigração de diferentes povos vivida pela cidade de São Paulo, a preocupação acerca da mestiçagem dos costumes e das histórias dos diferentes povos preocupa aqueles envolvidos com o projeto educacional nos parques” (Danailof, 2013:168).

Essa afirmação é corroborada por Abdnaur (1994) quando escreve que:

“num país como o nosso, em que a cultura infelizmente ainda não é uma necessidade quotidiana de ser, está se aguçando com violência dolorosa o contraste entre uma pequena elite que realmente se cultiva e um povo abichornado em seu rude corpo. Há que se forçar um maior entendimento mútuo um maior nivelamento geral de cultura que, sem destruir a elite, a torne mais acessível a todos” (p.264).

Mário de Andrade preocupado com o ambiente da cidade de São Paulo criou inúmeros serviços visando resgatar a história social e a memória coletiva dos brasileiros de São Paulo. Silva et. al. (1989):

“é preciso descobrir a beleza da cidade, a sua força e energia, a vivencia que ela proporciona, como acolhe aqueles que a procuram. Tudo isso é, sem dúvida, diferente do passado: mas é preciso, para tanto, que conheçamos sua história, que pensemos na possibilidade de participarmos dela, de não sermos apenas espectadores” (p. 73).

Os Parques propriamente ditos; compromisso e história

Embora os Parques Infantis tivessem um cotidiano composto por atividades lúdicas; havia um compromisso educacional formal que variava em função da condição do participante que ia desde formar ou modelar até a possibilidade de corrigir comportamentos ou hábitos viciosos. Buscava-se inculcar hábitos saudáveis, moralidade, solidariedade, comunicabilidade e cooperação, por meio do convívio dos *parqueanos* de todas as classes sociais, diferentes etnias. Os Parques Infantis destinados às crianças e jovens representou uma instituição em que a presença de Mário de Andrade foi mais marcante. Apesar de haver serviços de atendimento que o antecederam, a sua ideia e dedicação, gerou um programa com características muito interessantes senão atrevidamente alvissareiras. Os Parques Infantis criados por Mário de Andrade em 1935 podem ser considerados como a origem da rede de educação infantil paulistana e a primeira experiência brasileira pública municipal de educação (embora não escolar) para crianças de famílias operárias que tiveram a oportunidade de brincar, de ser educadas e cuidadas, de conviver com a natureza, de movimentarem-se em grandes espaços. (Faria, 1999:24).

Este serviço com caráter inovador durante os seus três primeiros anos de funcionamento (1935-1938) integrou um projeto governamental de educação não escolar para crianças. De acordo com Faria (1999) o grupo de Mário de Andrade entendia que as teorias e as práticas usadas nas escolas desrespeitavam o processo natural de desenvolvimento humano, transformando precocemente as crianças em alunos e depois, em futuros adultos. Os idealizadores dos Parques Infantis de São Paulo se inspiraram nos trabalhos de Froebel. Para este as instituições que cuidam das crianças precisariam respeitar o processo natural de desenvolvimento, pois, crianças são como flores que desabrocham; as atividades destinadas aos pequenos deveriam assumir caráter lúdico atendendo o processo normal de desenvolvimento.

Quanto ao ingresso e permanência dos *parqueanos* em São Paulo segundo afirma Miranda (1941) era muito parecida com as de Paris:

“a admissão dos pequeninos era feita com a apresentação da ficha de identidade dos pais, e atestado de vacinação do candidato mediante remuneração de um franco e cinquenta servia-se, a pedido dos pais, um

pequeno almoço; sopa de legumes e de massa, um prato de legumes, legumes crus pão e sobremesa além de leite em Paris - para os parqueanos desnutridos” (p. 9).

Assim como na capital francesa, Danailof (2013) explicita que o índice de analfabetismo em São Paulo era significativo e variava dependendo da nacionalidade dos indivíduos; embora preço dos alimentos fosse baixo, alimentação não condizia com os padrões da época; havia deficiência de leite, abuso de pães e de cereais e desprezo pelas hortaliças além de baixa ingestão de vitaminas e sais minerais gerando desnutrição e algumas doenças. Por essa razão nos Parques Infantis além da distribuição de merenda duas vezes por dia, leite, pão manteiga, bananada, goiabada, pessegada, queijo, banana e mel, havia um serviço médico odontológico para orientar e suprir as deficiências ligadas á saúde, higiene e prevenção de doenças. Em se tratando do público e a proposta do serviço Danailof (2013) corroborando com Faria (1999) destaca que havia “necessidade de ocupação do tempo livre das crianças, filhas de operários, enquanto seus pais trabalhavam nas fábricas” (p. 169). O imaginário de então as percebia como sozinhas nas ruas, expostas conviviam com jogos brutais em espaços insalubres, com falta de movimento gerada pela circulação de veículos e pessoas além de respirar o ar impuro proveniente das fábricas e dos automóveis. Segundo a pesquisadora citada aos Parques Infantis caberia a tarefa de acolher e assistir meninos e meninas em “estado de abandono familiar” devido ao trabalho nas fábricas de seus pais (p.169).

As formas lúdicas de ensinar e apreender ou “*ser fuerte para ser más utiles*”

De acordo com os pesquisadores estudados, o ambiente de educação coletivo formado por adultos e crianças deveria ser um lugar destinado prioritariamente à educação e ao cuidado dos infantes de 0 a 6 anos assegurando o direito à infância, o direito às atividades lúdicas; e ao não trabalho. Talvez o projeto sobre os Parques Infantis inspirado nas ideias *froebelianas* pudessem ser um lugar em que as crianças se expressariam usando diferentes maneiras, formas e intensidades, promovendo assim o exercício de todas as dimensões

humanas (lúdica, artística, do imaginário, etc.) possibilitando a construção do conhecimento espontâneo, do imprevisto e da cultura. (Miranda, 1941, In Faria, 1999).

Nicanor Miranda Chefe da Divisão de Educação e Recreio – do Departamento de Cultura do Município de São Paulo - escreveu muitos textos dedicados ao tema infância, lazer, e jogos. Com frequência citava Froebel o importante pedagogo alemão quando discorria sobre a natureza e o cuidado que se deveria ter no trato com os infantes. Dentre as obras dedicadas ao atendimento infanto-juvenil, que escreve destacamos o livreto “*Origem e propagação dos Parques Infantis e Parques de jogos*” (1941) que, de forma resumida, apresenta a história da infância e dos Parques Infantis na Europa.

Também destacava o importante papel exercido pela Dinamarca, Alemanha, Inglaterra, Polônia (*Jardins de Infância do Dr. Jordan*) na Hungria, Holanda e a França (*Squares d enfants*), que favoreceram a implantação desse serviço revelando grande preocupação com as crianças e jovens. Miranda ressaltou a realização destas instituições nos Estados Unidos da América (*play grounds*), no México por meio das *Missiones Culturales* e em Cuba com o *Conselho Corporativo de Educação, Saúde e Beneficência*. Citando também as instalações na Argentina, Chile e Uruguai – as *plazas de deportes* - todos com o fito de cuidar da criança e do jovem oferecendo-lhes programas desde os meramente assistencialistas até os mais estruturados que incluíam os profissionais da saúde; médicos e dentistas, professores de educação física à semelhança do pensado por Mário e Anhaia Mello, Fernando de Azevedo Paulo Duarte à criança paulistana. (Danailof, 2013).

No Brasil a existência dos Parques ou de serviços congêneres tal como o Clube de Menores Operários (Miranda, 1941:19), ocorreu em muitos estados Rio de Janeiro, - Capital Federal, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais e, em São Paulo variando quanto a sua organização e objetivos.

Os Parques Infantis criados por Mário de Andrade em 1935 podem ser considerados como a origem da rede de educação infantil paulistana (Faria, 1995) – a primeira experiência brasileira pública municipal de educação (embora não escolar) para crianças de famílias operárias que tiveram a oportunidade de brincar, de ser educadas e cuidadas, de conviver com a natureza, de movimentarem-se em grandes espaços. Lá produziam cultura e

conviviam com a diversidade da cultura nacional, quando o cuidado e a educação não estavam antagonizados, e a educação, a assistência e a cultura estavam macunaimicamente integradas, no tríplice objetivo parqueano: educar, assistir e recrear. (p. 03). Para alcançar essa finalidade Kishimoto (2001) afirma que:

“profissionais de música, educação física disponibilizariam contos, danças, poemas, brinquedos e brincadeiras, lendas da Amazônia, contos do Norte ao Sul do país, mostrando ampla miscigenação cultural que integravam as brincadeiras propiciando a socialização e integração das crianças” (p. 236).

Diferentemente do pensamento da época e das injunções políticas e sociais vigentes, partia-se do pressuposto que a criança é ao mesmo tempo produtora e consumidora de cultura e que o espaço coletivo dos Parques Infantis – local privilegiado para permanecer criança - poderia facilitar o trabalho das creches e pré-escolas cujo mote era outro. Os Parques Infantis eram parte de um projeto destinado à difusão cultural que articulava objetivos educacionais, investigações das características físicas e culturais da população, o controle sanitário e a assistência médica por meio das atividades recreativas para a infância e juventude desassistida da Cidade de São Paulo. (Danailof, 2013).

Com esse fito os Parques Infantis foram instalados sucessivamente no Parque D. Pedro II, na Lapa e no Ipiranga e em Santo Amaro. Previam-se a implementação de outros, todos em bairros de trabalho ou que apresentassem indicativos de pobreza nas imediações de escolas ou das fábricas onde seriam socialmente úteis. (Abdnaur, 1994), mas, até 1938 quando da saída de Mário de Andrade do Departamento de Cultura estes foram os únicos em funcionamento na cidade.

Os Parques Infantis como uma *alternativa* para a educação das crianças

Ainda que o atendimento à criança o *porvir* da Pátria estivesse presente em projetos, instituições, os programas governamentais, segundo os autores pesquisados apontavam para um cenário bastante discreto em relação às políticas públicas voltadas à população de forma geral.

Em se tratando de projetos educacionais não formais, Kuhlmann Júnior (2000), citado por Berto (et. al. 2009), no artigo *Parques Infantis e colônias de férias como espaços/tempos de educação da infância (1930-1940)*, afirma ter havido uma revista *Educação Physica* na qual os Parques Infantis são vistos como uma necessidade porque as ideias inovadoras de Mario de Andrade valorizam a criança e sua nacionalidade. “Atendendo ao mesmo tempo, crianças de 3 a 6 anos e de 7 a 12 fora do horário escolar” (será que iram á escola? - grifo meu), “utilizam os elementos do folclore, da produção cultural e artística, das brincadeiras e dos jogos infantis” (p. 5).

Os Parques Infantis, de acordo com seu propósito, supririam outra necessidade qual seja a de que o desenvolvimento infantil não poderia ocorrer devido ao reduzido número de docentes de Educação Física nas escolas e quando havia (os docentes - grifo meu) não poderiam *seguir um plano metódico por diversas razões*. Hoje sabemos que o estado da arte da Educação Física carecia de embasamento teórico então mais adequado seria ministrar atividades lúdicas; jogos tradicionais do repertório infantil.

“O espaço dos parques infantis são como uma extensão da educação escolar, onde seriam supridas as falhas dessa educação”. (...) “haver-se-ia de contribuir para tornar os indivíduos civilizados, eficientes, corteses, corajosos, responsáveis e, deste modo teremos contribuído enormemente para a regeneração da raça” (p.5).

O registro encontra eco no texto de Nicanor Miranda (1939); Diretor da Divisão de Educação citado por Berto et. al. (2009):

“a escola não é, pois, o sistema ideal da cultura infantil. Outro sistema precisa, não diremos substituí-la, mas completa-la. Um sistema que torne a criança como ela complexa civilização como ela é, harmonizando os dois fatos de uma maneira científica e ao mesmo tempo humana”. (...). “Esse sistema é o parque infantil” (p.6).

O cotidiano do Parque de Mario de Andrade

Os programas e as atividades cuidadosamente planejados e registrados tinham propostas com visão muito ampla e “elástica” permitindo que todos os participantes incluindo os de pouca idade, pudessem ter as características do período vivido preservadas. De acordo com a Revista Voz de Portugal (1937) Elizabeth Abdnaur, explicita o espaço físico que, Nicanor Miranda - responsável pela Divisão de Educação e Recreio do DC, - descreve de maneira detalhada:

“cada parque possui, no mínimo, um campo gramado, um abrigo-mor, com salas de instrutores, sala de médico, chuveiros, instalações sanitárias, além de dois galpões laterais aos abrigos-mor. Várias espécies de aparelhos tais como balanços, gangorras, passos gigantes, carrocéis, deslizadores, toros de equilíbrio e outros estão distribuídos pelo campo, além de um tanque de vadiar e taboleiros de areia”. (1994:268).

“em cada parque existe uma biblioteca com cerca de 300 volumes, onde os bibliotecários são sempre crianças eleitas pelos companheiros” (...). “Cada parque possui também um jornalzinho, dirigido, redigido e ilustrado exclusivamente pelas crianças, e onde são publicados composições, contos, versos, cartas enigmáticas e desenhos”. (Abdnaur, 1994, In Revista Voz de Portugal: 269).

Quanto às atividades motoras (supervisionadas ou não) cerca de duzentas e oitenta e oito foram registradas pelo fotógrafo do Departamento de Cultura Benedito Junqueira Duarte. Nelas podem-se observar exercícios de ordem unida – fila indígena (sic), preparativos para a ginástica, ginástica com bastões corrida, ginástica em roda- hoje entendida como atividade rítmica e expressiva - ou manifestação cultural de movimento, e as atividades higiênicas rumo ao sol (?) e banho de sol. Os jogos praticados lado a lado ou coletivamente favoreciam a experimentação das capacidades, possibilidades corporais, autoconhecimento, noção de si próprio (esquema e imagem corporal), tamanho, força, velocidade, sentido, lateralidade, permitindo comparação entre os companheiros. O jogo corrida com batatas, a troca papéis e a vivência das regras nas atividades lúdicas como o apanhar o lenço – (corre cotia), pulo do canguru, passo de gigante, para os pequenos e o *Voley Ball* para os maiores.

Silva et. al. (1989) comentando sobre o estudo de Florestan Fernandes acerca da importância do brincar nas primeiras décadas do século passado explicita que as brincadeiras são como suporte para a formação de relações sociais importantes no processo de identificação e construção da personalidade infantil:

“as brincadeiras são, então, um meio para se chegar ao coletivo geral da humanidade; nelas a criança trabalha questões importantes da essência do ser humano: medo, fantasia, faz de conta, além de experimentar relações sociais presentes em um determinado coletivo (grupo social a que pertence), como cooperação, competição, ganhar, perder, comandar, subordinar-se” (Silva et. al. 1989:75).

As manifestações culturais por meio das danças – como a *Nau catarineta* e especialmente o bailado *Marujada* - apresentado no encerramento do Congresso de Língua Nacional Cantada que reuniu especialistas em música e linguística, demonstram a expressiva vontade que Mário de Andrade tinha em exibir, divulgar, valorizar, perpetuar a nossa cultura. Com esse fito, as crianças tinham atividades de levantamento e registro das cantigas, brincadeiras, danças que aprendiam com seus familiares. “Como portadora das tradições culturais, a criança certamente expressaria na criação dela - no desenho” (e nas outras manifestações – grifo meu), “os traços dessa tradição”. Assim, “a compreensão deste processo de relação entre arte e cultura seria, portanto, mais uma referência na busca da afirmação das características “nacionais” da cultura brasileira” (Abdnaur, 1994:269-270).

Nos registros fotográficos (1935-1938) também se observa a prática das atividades motoras realizadas em aparelhos (?); carrocel, escorregadouro, gangorra, atividades em duplas tais como jogo de pingue-pongue, damas e dominó além das atividades de manipulação oportunizadas pelo tanque de areia e atividades supostamente de relaxamento como os “jogos tranquilos” citados por Abdnaur (1994:269).

Embora pareça uma instituição voltada para o pleno desenvolvimento da criança e do jovem, sem o ranço do cotidiano carregado de estratégias rígidas e tradicionais, há certa contradição no que se refere ao tempo ali vivido:

“a liberdade do brinquedo, da vivência da cultura infantil, tinha claros objetivos patrióticos, com os quais a Educação Física certamente poderia contribuir. Desse modo, dentro da escola ou nos parques infantis, ela não só preencheria os fins biológicos, como psicológicos e morais; educação do corpo e do espírito e educação social, formando o homem de amanhã (sic), vivificado pelo pensamento e pelo ideal, e disciplinado pela vontade” (Miranda, 1939, In Berto, et. al. 2009:6).

Em se tratando de uma infância e juventude: “os filhos dos operários contemplados, portanto, já sob a responsabilidade do município, com direito à infância, isto é com o direito ao não trabalho, com o direito de brincar e de criar a cultura infantil, permanecendo crianças pelo menos enquanto estivessem no parque” (Faria, 1999:70-71).

As atividades físico motoras: o trabalho e a formação do Instrucytor de Educação *Physica* ou “*jugando aprendemos a ser mejores*”

Entendendo o ambiente existente e a história das mentalidades, Danailof (2013) referindo-se aos professores de Educação *Physica* escreve que:

“por ser uma área reconhecida socialmente por ser interessante à formação de corpos fortes e saudáveis, a educação física apresenta-se como mediadora de um conhecimento histórica e culturalmente relevante, conferindo sentido à presença da ginástica, do esporte, do folclore, da dança e dos jogos nos Parques Infantis” (p.168).

Mesmo sofrendo preconceito social devido ao seu trabalho *immoderato* e necessitando de uma consistente concepção científica, os higienistas reconhecem que Educação Física - a partir métodos da ginástica analítica - possui pontos positivos, pois, proporciona vitalidade ao organismo, desenvolve as proporções corporais e a postura além de educacional, é também profilático, pois, favorece a correção moral *frenando os impulsos*. A socialização também seria praticada pela ocupação útil do tempo livre. Os instructores do Curso de Educação *Physica* (diplomados pela Escola Superior de Educação *Physica*)

deveriam zelar pela saúde dos *parqueanos*; divulgar a prática dos jogos nacionais de modo a manter viva a memória e a tradição além de ampliar o acervo cultural das crianças introduzindo jogos de outras culturas que julgassem adequados a elas. A Educação Physica - entenda-se ginástica localizada – seria ministrada de forma adaptada de acordo com recomendação dos legisladores e da visão higienista da época. (Danailof, 2013).

Conclusão

Dentro de um cenário internacional e nacional, considerando as transformações urbanas decorrentes de mudanças sociais; vividas em uma cidade cuja mentalidade era conservadora e a oferta de serviços à população era muito desequilibrada, inspirado nos ideários europeus quanto à valorização da criança somados aos do movimento modernista Mário de Andrade renova, amplia muitos serviços que possibilitassem acesso à cultura a toda a população. Dentre estes serviços os Parques Infantis 1935-1938 foram aqueles nos quais Mário mais se dedicou entendendo que a infância e a juventude eram o futuro do país e, por essa razão a história e a memória deveriam ser apropriados por eles. Em se tratando dos *parqueanos*; filhos do operariado, tidos como *des-assistidos*, desnutridos que vivam a própria sorte, além das atividades gímnicas e culturais, recreativas foram incluídos serviços médico dentário alimentação adequada.

As atividades planejadas nos Parques Infantis por Mário de Andrade e seus colaboradores foram muito significativas oferecendo às crianças e jovens das classes operárias condições, valores atitudes visando sua inserção social.

As práticas motoras com feição lúdica facilitaram a construção da identificação pessoal e do meio circundante. Com a mesma importância as atividades de linguagem oral e pictórica revelavam a elas a tradição dos povos ampliando sua ideia de mundo, pois, a arte foi (e continua sendo) fonte de inspiração de trabalho. As cantigas, rodas e brinquedos cantados além da dança alagariam a noção estética - elemento presente desde a educação grega. A percepção dos animais, plantas e objetos situava a criança no meio físico favorecendo a elaboração dos conceitos do mundo concreto. As cenas dramáticas representavam o *substrato guardado na alma do povo* e, devido esse fato, a realização das festas da Marujada e Nau Catarineta. Estas expressões são objeto de estudo, pesquisa e análise em nome de um novo cidadão. A

semelhança da cidade de São Paulo, os Parques Infantis representaram um ponto de alteração entre o passado e o futuro. As diferenças étnicas, a higiene e os níveis de educação representaram base da proposta e fonte de inspiração para a implementação dos Parques Infantis. Mário de Andrade visava por certo, uma sociedade com direitos e acesso ao legado humano que a antecedeu. O corpo pensante, diretivo e os especialistas além dos responsáveis pela implementação das atividades artísticas e motoras não se restringiram a sua especificidade; ao contrário, serviram como pontes para o desenvolvimento integral dos *parqueanos*. O convívio, a assunção dos valores e a mudança de hábitos desde os alimentares aos posturais, buscaram alcançar a meta pretendida qual foi a de diminuir a diferença entre as crianças da elite e os filhos dos operários, diminuir a carência alimentar existente, mas, principalmente favorecer a formação de conceitos morais além de atuar fortemente sobre um corpo biológico visando à consecução dos ideários de higiene para torná-los pessoas em sua plenitude.

Os Parques Infantis foram e ainda representam uma iniciativa com enorme valor, mas, também foi um inevitável incômodo, pois, como explica (Abdnaur, 1994) o projeto cultural era muito progressista para uma sociedade vivendo um ambiente político ainda bastante conservador e autoritário. Dos Parques Infantis idealizados por Mário de Andrade e sua equipe ficam as lembranças e a expectativa de se realizar algo concreto para as nossas crianças e jovens que lhes ofereça o alargamento cultural e alvissareiras possibilidades de autoconhecimento, entendimento da história, reconfiguração da memória com vistas a um futuro mais promissor.

Referências bibliográficas

Abdanur, E. (1994) Parques Infantis de Mário de Andrade. Rev. Inst. Est. Bras., São Paulo, 36. 263-270. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br>.

Arantes, A. C. (2006). O Corpo feminino: quesitos de representação da saúde e eugenia praticadas na cidade de São Paulo no primeiro quarto do século XX. *Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural. Mundos da imagem do*

texto ao visual. Resumos. pp. 74-75. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2006.

Arantes, A. C. et. al. (2008). *Mário de Andrade: o precursor dos parques infantis em São Paulo*. São Paulo: Phorte. 177p.

Berto, R. et. al. (2009). Parques infantis e colônias de férias como espaços/tempos de educação da infância (1930-1940). *Revista pensar a prática*. (12). n. 1. Recuperado de <http://www.revista.ufg.br>.

Campos, M. M. (s/d). *Educação infantil reescrevendo a educação: propostas para um Brasil Melhor*. 7p. (scp).

Danailof, K. (2013). A educação física nos parques infantis de São Paulo. (1935-1938). *Movimento*, Porto Alegre, (19), n.2, 167-184, abri/jun. Recuperado de <http://www.redalyc.org.articulo>.

Faria, A. L. G. de (1995-1999) *A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil*.

Kishimoto, T. M. (2001). Educação infantil integrando pré-escolas e creches na busca da socialização da criança. In Vidal, D. G. e Hilsdorf, H. (Org.) *Tópicos em história da educação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. pp. 235-239.

Miranda, N.(1941) *Origem e propagação dos parques infantis e parques de jogos*. Departamento de Cultura. São Paulo. 24p.

Santos, M. C. (2007) Criança e criminalidade no início do século. São Paulo. In (Priore, M. D, Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo. Contexto. pp. 211-229.

Silva, M. A. S. S. et. al. (1989). *Memórias e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Cortez; CENPEC. pp. 81-104.

Ribeiro, J. da S. e Alves, T. F. (2012) *Invasão do cenário escolar: conhecendo a relação entre Estado e sociedade no Brasil de 1945- 1955*. 11p. Em Anais do XV Encontro Regional de História. Ofício do historiador. Ensino e pesquisa. Associação Nacional Professores de História. Universidade Estadual Rio de Janeiro. São Gonçalo. Rio de Janeiro. Recuperado de <http://www.encontro>.

Varella, D. (2000) *Nas ruas do Brás*. Coleção Memória e História. Cia das Letrinhas. 79p.